

CRISE EMPRESÁRIOS BRASILIENSES FALAM EM REDUÇÃO DE INVESTIMENTOS

No DF, apreensão

FABIO POZZEBOM/ABR

Diante da crise financeira que assusta os mercados mundiais, a Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio-DF) alerta para os efeitos no varejo do DF. De acordo com o presidente da Fecomércio, senador Adelmir Santana, o setor produtivo brasileiro já sentiu o golpe provocado pela crise norte-americana. "Ainda que o Natal deste ano esteja garantido, pois os investimentos que deveriam ser feitos já o foram, 2009 aponta para uma redução dos investimentos e, como consequência, a diminuição do crescimento, do emprego e da renda no próximo ano", analisa o senador.

O presidente da Fecomércio-DF avalia que, para conter a crise, dificilmente a taxa de câmbio deixará de subir, o que pode significar novas pressões inflacionárias para o Brasil. O senador avalia que os consumidores serão os mais afetados. "O comércio varejista cresce, no Brasil, há 52 trimestres sucessivos, mas, nos últimos dois meses, já dá sinais de decréscimo. Vamos torcer para que não tenhamos um fim de ano calamitoso e com muitas dificuldades para nossos consumidores. A fase de completa liberdade ao mercado financeiro, certamente, será página virada da nossa história econômica mundial", afirma Santana.

Para o senador, o aumento real no salário dos brasileiros, a abertura de crédito e um considerável avanço na capacidade de produção nacional são fatores que podem garantir certo sossego aos empresários e con-

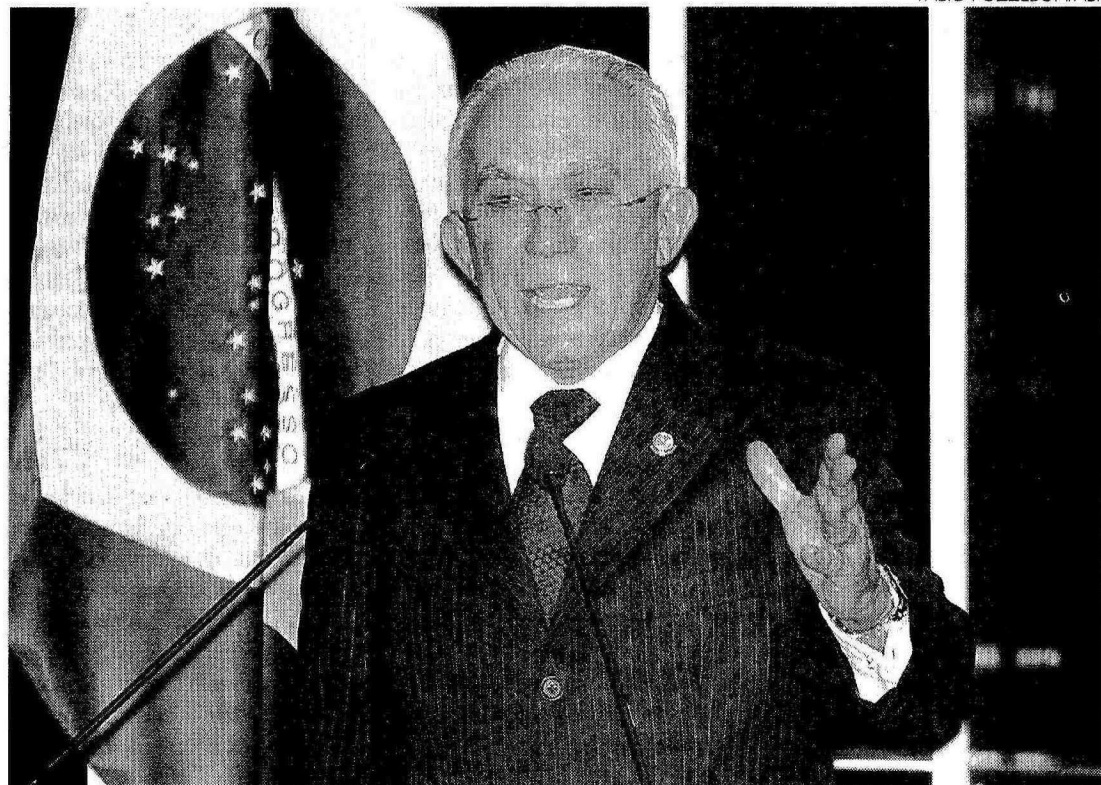
sumidores. "Isso, graças à boa fase vivida pela economia brasileira em 2002, impulsionada pela bonança instalada na economia mundial, que atraiu capitais estrangeiros para o Brasil, incrementou as reservas em moeda forte, e levou à queda nas taxas de juros e na taxa de câmbio", esclarece.

■ Selic

"Porém, na ausência de corte nos gastos públicos correntes, o Banco Central se viu instado, a suspender o processo de queda da taxa de juros que fixa periodicamente, a taxa Selic e até mesmo, mais recentemente, a subir essas taxas, interrompendo o processo tão ansiado de retomada do crescimento econômico do Brasil", aponta.

Por fim, a Fecomércio-DF teme o surgimento de dois problemas para o Brasil, que podem ser provocados pela crise norte-americana: a desaceleração do crescimento do PIB mundial, sobre o preço das exportações das commodities agrícolas e minerais do Brasil e a diminuição do fluxo de capitais que pode trazer de volta o fantasma da inflação.

"Se o Banco Central já vinha subindo as taxas de juros para desacelerar o suposto forte crescimento do consumo de bens e serviços, com o objetivo de corrigir o déficit externo e conter as pressões inflacionárias anteriores, com mais razão, agora se posicionará em favor de uma política monetária cada vez mais restritiva. E, naturalmente, quem vai sofrer é a classe média", alerta Santana.



■ PREOCUPADO, ADELMIR SANTANA SÓ TEM UMA CERTEZA: DE QUE O NATAL ESTÁ GARANTIDO

As primeiras vítimas

A turbulência nos mercados acionários globais, que tem derubado as ações brasileiras, fez ontem as primeiras vítimas na indústria brasileira de fundos: o GWI Fundo de Investimentos em Ações (GWI FIA) e o GWI Classic Fundo de Investimento em Ações (GWI Classic). Nos fatos relevantes enviados à Comissão de Valores Mobiliários (CVM, que regula o mercado de capitais brasileiro), o BNY Mellon Serviços Financeiros Distribuidora de Títulos e Va-

lores Mobiliários S.A., na condição de administrador dos fundos, informa igualmente que "em razão da iliquidez dos ativos componentes de sua carteira", os fundos serão fechados "a partir desta data (dia 8) para saques e resgates".

No site do GWI Asset Management, gestor do fundo, há um comunicado aos cotistas atrelando a decisão sobre o fechamento do GWI FIA ao "agravamento das condições do mercado nos últimos cinco dias, que

levaram o fundo a uma situação delicada de liquidez". No caso do GWI Classic, o gestor explica que o fechamento ocorre em função dos pedidos de resgate.

Não se tratam de vítimas desconhecidas. Sob a gestão do GWI Asset Management, os fundos em questão ocuparam lugares de destaque no que diz respeito à rentabilidade em várias publicações especializadas. Mas a maré virou nos últimos meses, com a deterioração do cenário externo.